

O Progresso Catholico

.... sequor autem, si quo modo
comprehendam ..

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

10. 13, 14.



À MEMORIA DA IRMÃ HOSPITALEIRA, MARIA DA SAUDE

Ah! Na opulencia celeste
Inda faltavas!... E nós,
E os pobres que a ver viste
Que fiquem tristes e só!

(JOÃO DE LEMOS—*Impressões e Recordações*)

MAIS uma cruz erguida! Mais um tumulto aberto! Mais um anjo adormecido no seio do Senhor! Pouco mais de um mez decorrido, depois que pranteamos a morte de uma Irmã Hospitaleira, d'uma filha da caridade, e eis-nos de novo com a nossa Revista tarjada de preto, e ajoelhados sobre a humida relva do cemiterio, ofertando, na despedida, uma prece que de nossos labios sae a custo.

E' que mais uma benemerita Hospitaleira deixou a terra voando á celestial morada, onde recebeu o premio dos seus serviços em prol dos desvalidos prestados.

A Irmã Maria da Saude, que no seculo se chamára Joaquina Felisarda de Mello, era natural de Caminha, e falleceu no Hospital da Santa Casa da Misericordia no dia 25 de fevereiro, á meia hora da manhã. Contava vinte e seis annos. E n'esta idade, quando a vida mais deseja prazeres, ella, a filha de S. Francisco, a irmã de todos que ajustam á cintura o cordão da penitencia, cuidava das creancinhas que pediam instrucção, ou se debruçava sobre o leito infecto do moribundo, dispensando-lhe as ultimas consolações.

E no dia 26, ao meio dia, quando a mór parte dos vimaranenses se preparavam para os folgedos do ultimo dia de carnaval, agrupavam-se no templo dos Capuchos, milhares de pessoas que foram alli render a ultima homenagem, á que se fizera pobre voluntaria, á que trocára as galas do mundo pela caridade christã.

E lá estavam os anjos seus companheiros terrenos, tristes pela perda da irmã querida; a mesa e irmandade da Santa Casa da Misericordia; a Conferencia de S. Vicente de Paulo, e a Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, presidida pelo seu digno Vice-Ministro, o Ill.^{mo} Snr. José Ferreira d'Abreu, e mais quatro membros da mesa, a quem agradecemos d'aquí o preito prestado a uma sua irmã.

O acto do enterro, e a conducção do cadaver ao cemiterio realisou-se como se realisára a da Irmã Maria das Mercês, noticiado em o nosso numero de 15 de fevereiro. O cadaver foi depositado tambem no jazigo da familia Amaral Ferreira.

Pegamos a Deus nosso Senhor que a alma da Irmã Maria da Saude esteja na Gloria Eterna, e que ella peça, ao Senhor Todo Poderoso, faça desaparecer o odio que na terra se consagra ainda ás santas Irmãs da Caridade, aos verdadeiros typos da caridade christã; ás unicas creaturas humanas que sabem esquecer-se de si para só verem quem dos afagos da caridade carece.

A' mesa da Santa Casa os nossos louvores, porque a Irmã fallecida nem fazia serviço no seu hospital, nem pertencia á irmandade da Misericordia; e com tudo fez-lhe o que os irmãos lhe não fizeram.

A REDACÇÃO.

SUMMARIO:

A MEMORIA DA IRMÃ HOSPITALAIRA, MARIA DA SAUDE, pela Redacção.—SECÇÃO RELIGIOSA: *Carta Pastoral de S. Ex.ª R.ªa o Sr. Bispo d'Angra sobre o protestantismo*; *Tristissimol* por Dom Antonio d'Almeida; *Walstatt, ou Nossa Senhora dos Eremitas*, pelo Vigario Manuel F. dos Santos Peixoto.—SECÇÃO HISTORICA: *A Igreja de Braga*, v, pelo Padre João Vioira Neves Castro da Cruz; *Outro manuscripto—O scisma da Igreja de Braga*, pelo Padre Alfredo Elviro dos Santos.—SECÇÃO CRITICA: *Historia da minha traducção e a critica do sr. Padre Chrispim*, pelo Padre Valente; *Os Açores e os conventos*, por um leitor de gazetas.—SECÇÃO LITTERARIA: *A Commuñdo*, poesia, por Veiga; *Aventuras de um solitario*, versão de M. C.—SECÇÃO ILLUSTRADA: *I, A Cathedral de Bordeaux—II, Cidade de Puy*, por R.—SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: *O Positivismo e a Sociedade*.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES 13 DE MARÇO DE 1884

Secção Religiosa

CARTA PASTORAL

SOBRE O PROTESTANTISMO

D. João Maria Pereira d'Amaral e Pimentel, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo d'Angra do Iluroismo e Ilhas dos Açores, do Conselho de Sua Magestade, Commendador da Ordem de Christo, &c.

A TODOS OS NOSSOS AMADOS DIÓCEZANOS—OS DONOS DO DIVINO ESPIRITO

Attentite a falsis prophetis, qui veniunt ad vos in vestimentis ovium, intrinsecus autem sunt lupi rapaces.

Tende cuidado com os falsos prophetas, que se dirigem a vós disfarçados com pelles de ovelha, sendo porém interiormente lobos vorazes.

Math. VII, 15.

TENDO chegado ao nosso conhecimento com grande magoa, carissimos filhos no Senhor, que o protestantismo tem mandado seus emissarios para esta nossa Diocese, e que alguns n'ella existem, trabalhando para vos seduzirem a abandonar a nossa santa Religião, unica verdadeira, e a seguides seus erros; é do nosso rigoroso dever advertir-vos e illustrar-vos sobre o que de vós se pretende, e sobre as consequencias de abandonar a verdadeira religião para seguir uma seita, que não pode dar a salvação.

I

A palavra religião deriva-se do verbo latino *religare*, que significa ligar estreitamente; e com razão lhe foi imposto este nome, porque a religião é o laço que liga estreitamente a creatura ao seu creador, o homem a Deus nosso Senhor.

A verdadeira religião é necessario que tenha os seguintes requisitos: Um corpo de doutrina divinamente inspirado; magisterio infallivel; meios sobrenaturaes de santificação; sacerdocio legitimo com missão divina; e associação privilegiada.

Todos elles tem a nossa santa Religião catholica apostolica romana, e o protestantismo nem um unico d'elles possui; e portanto é o catholicismo a unica re-

ligião verdadeira, e o protestantismo não passa de uma seita heretica, ou antes de negação de religião, como veremos.

O catholicismo tem um corpo de doutrina, divinamente inspirado, que comprehende o que se deve crer e praticar; o qual recebe e abraça sem hesitação, ainda nas cousas que excedem a fraca comprehensão do homem; e d'este modo reconhece a superioridade da intelligencia infinita de Deus nosso Senhor e obedece a seus preceitos, sempre justos e santos.

Esse corpo de doutrina forma o seu codigo fundamental, desde a criação do homem, porque é n'essa epocha que lança as primeiras raizes. No principio foi oral e tradicional, até ao tempo de Moyses, em que foi escripto, e depois nosso Senhor JESUS Christo o aperfeioou e augmentou (1), ficando em grande parte escripto, e n'outra conservou-se apenas oral; sendo transmittido pela tradição, que presentemente se acha tambem escripta nas decisões da Igreja, ou nas obras dos seus doutores.

Os escriptos dos autores inspirados, legitimamente reconhecidos como taes, os symbolos adoptados pela Igreja catholica, e as decisões da mesma Igreja, que são infallivels, como veremos, formão esse codigo inalteravel, porque é fundado na verdade; o qual é a constituição fundamental da Igreja catholica e a base d'este edificio admiravel; contra o qual, segundo a promessa do seu divino Fundador (2) *as portas do inferno não poderão prevalecer.*

Ao protestantismo, pelo contrario, falta já esta base fundamental; e portanto o seu edificio, por muito bello e seductor que fosse, não poderia passar de cousa fantastica, de uma miragem, sem realidade, nem resultado algum para o fim de ligar o homem com Deus nosso Senhor, ou conseguir aquelle a salvação eterna, que é o fim ultimo da religião.

E na verdade o protestantismo não possui corpo de doutrina divinamente inspirado; porque ainda que diz admitir a autoridade da Biblia, está quasi sempre em opposição com a sua doutrina, deixando a interpretação d'ella á intelligencia e vontade de cada um. Ora como um livro divinamente inspirado não pode deixar de ser obscuro, por

(1) *Math. V, 17.*

(2) *Math. XVI, 18.*

tratar muitas vezes de cousas que excedem a comprehensão humana, ou de verdades que não approve a bondade divina explicar aos homens, certamente porque isso lhes não seria conveniente ou necessario; segue-se que, sendo permittido interpretar-o cada um conforme o seu parecer, gosto ou conveniencias, tantas serão as sentenças quantas as cabeças; como na realidade acontece entre os protestantes. E um livro em taes circumstancias é como se não existisse, e não pode ser base, nem fundamento para cousa alguma.

E dá-se ainda a tal respeito um facto escandaloso, que se não pode justificar, e mostra a má fé dos protestantes a este respeito, e é que fazem constantemente todos os esforços para truncarem e viciarem a mesma Biblia, procurando accommodal-a aos seus erros. No que gastão sommas fabulosas; fazendo imprimir milhares de exemplares mutilados e falsificados, que espalhão por todo o Mundo, por preço infimo, e até gratuitamente; para verem se podem corromper a seu gosto este livro divino, que é grande obstaculo á propagação de seus erros.

Alem d'isto os protestantes não reconhecem a autoridade da tradição, nem da Igreja, pela qual se deve fixar o sentido da sagrada Escripura; e portanto não tem corpo de doutrina divinamente inspirada, que possa servir de base ou fundamento ás suas seitas.

II

Por muito clara e perfeita que seja uma lei, tão variados são os casos da sua applicação, que nenhuma ha que não careça de interpretação; e esta tanto mais necessaria é, quanto mais concisa for essa lei, mais ainda se for escripta em lingua não vulgar, e tractar de cousas dificeis de comprehender.

Ora é o que acontece com o corpo de doutrina da Igreja catholica, que comprehendendo-se nos preceitos do decalogo, e nos breves symbolos compostos pela mesma Igreja, não podia ser exposta mais succintamente; escripto primitivamente em linguas mortas, e tractando em muitos logares de cousas sobrenaturaes.

E' verdade que os Evangelhos e as Epistolas dos Apostolos explicão e declaram muitos pontos da mesma doutrina; mas alem de não serem tractados metho-

dicos, ou commentarios, que tenham por fim explical-a e esclarecel-a; acontece que muitos d'esses escriptos são tambem obscuros, e, em lugar de esclarecerem, mais a confundem (1). E a prova está em que os protestantes pretendem provar seus erros com muitos textos com que nós mostramos a verdade.

Portanto era necessario á Egreja catholica um magisterio infallivel, que expozesse a doutrina da sagrada Escripura de modo seguro, sem perigo de errar; para que o seu dogma e principios de moral fossem sempre os mesmos, em todos os tempos e logares. N'uma palavra é indispensavel que a Egreja tenha poder de interpretar authenticamente as Sagradas Escripuras, o que não pode fazer senão o proprio legislador, ou alguem por elle para isso autorisado.

E' o que com effeito n'ella se dá. Nosso Senhor JESUS Christo, fundador da mesma Egreja, que estabeleceu sobre si mesmo (2), pedra firme, que tinham regeitado os constructores de edificios caducos, prometteo que a mesma havia de durar até ao fim dos seculos (3), e que as portas do inferno nunca poderiam prevalecer contra ella; o que se não poderia verificar se o corpo da sua doutrina podesse corromper-se ou variar.

E para isso estabeleceu um magisterio infallivel, que há de durar até á consuminação dos seculos. Com effeito, depois de declarar—*que todo o poder lhe tinha sido dado no Céu e na Terra*, em virtude d'esse poder investe seus Apostolos da missão de ensinar os povos indo por todo o Mundo a ensinar todas as gentes (4); promette estar sempre com elles (5), assim como seu Eterno Pai (6), e que lhes enviará o Espirito Santo, o qual lhes ensinará todas as cousas (7). E ao Principe dos Apostolos dá o poder especial de confirmar seus irmãos (8), apascentando não só as ovelhas mas tambem os cordeiros; isto é não só os fleis, mas os pastores.

Por outro lado manda aos fleis que estejam pelo que lhes disserem seus pastores. Já dos scribas e phariseus, que se achavão sentados na cadeira de Moyses, nosso Senhor Jesus Christo dissera (9) que se devia observar e fazer o que elles dissessem; posto que suas obras não fossem conformes com a sua doutrina; e a respeito dos seus Apostolos e successores disse expressamente: *Quem vos ouvir, a mim ouve; quem vos despreza, a*

mim despreza; e quem me despreza, a meu Pai que me enviou despreza (1).

Que maior segurança pois pode haver em seguir a doutrina que propõe a Egreja catholica?...

¿E os protestantes d'onde lhes provem a sua missão? Com que autoridade se apresentam a ensinar o erro? De Deus nosso Senhor, não; porque cortaram a successão que seus antepassados tinham com os Apostolos, e se declararam até inimigos da unidade da Egreja catholica; e portanto a sua missão não lhes provem de Deus nosso Senhor; mas dos homens. ¿E que homens! de Luthero, de Calvino, de Zwinglio, de Henrique VIII, e d'outros que taes. Ou antes de cada protestante; porque todos e cada um se considera autorisado a interpretar a Biblia a seu modo; querendo que a sua autoridade prevaleça á da Egreja catholica, associação, não só assistida e dirigida pelo Espirito Santo, mas a mais respeitavel que tem o Mundo!!!

Não tem pois o protestantismo autoridade para ensinar; e quando alguma tivesse,—que se reformasse primeiramente a si, saindo do erro e heresia, em que jaz inundado; podendo-se-lhe bem applicar a sentença—*Se és medico cura-te a ti mesmo*. (2).

Pelo contrario, carissimos Filhos no Senhor, Nós, ainda que sem merecimentos pessoas, nos achamos sentado legitimamente na cadeira de Moyses, como verdadeiro successor dos Apostolos, a quem sois obrigados a acreditar e seguir; temos verdadeira missão divina, e não vos podemos illudir no que diz respeito ao dogma e moral da nossa santa Religião, não porque sejamos individualmente infallivel, mas porque o somos, ensinando-vos o que a Santa Egreja catholica nos propõe e ensina.

(Continua).

TRISTISSIMO!

No ultimo dia do ultimo *carnaval* appareceu no publico de uma cidade de Portugal uma *parodia* muito sensivel de enterro; e como não seria ella entendida se o vestuario de uns *marriolhões* ou *civilisados* a faziam de claro arremedo, se uma marcha funebre não disfarçava este, se um ataude fingido (menos quanto á forma) era levado aos hombros de uma parte de aquelles menos respeitosos das Santas Cerimonias de *Requiem*! A Authoridade policial tinha prohibido os brinquedos menos respeitosos das *Cousas Religiosas*, mas aquella escandalosa manifestação appareceu, e ago-

ra cumpre á mesma Authoridade *proceder*.

Crescem os argumentos comprobativos da *decalencia Social*, e assim o que é *Santo* se vê motejado e serve de riso; os ignorantes atrevidos, ou os indiscretos com impiedade, ou os declarados impios, entendem usar de um despotismo seu e julgam-se habilitados para o que quérem, e que os que *não sam elles* se devem calar, e deixar passar seus tristes e escandalozos procederes. *Fazer entrada* com o que se practica na condução dos cadaveres é *impio*; e até contrario aos *sentimentos naturaes*, e assim tambem á *impiedade* por outro modo. Se o enterrar os mortos é uma das *Obras de Misericordia*, é um attentado sacrilego contra ella o tomal-a para motivo jocoso; a *desculpa* de que foi *parodia* para fazer distrair, quando mesmo fosse produzida, não atesta senão o pouco amor e respeito em que *hoje sam* titlas por muitos e mui desprezadas por estas *Cousas Santas* e desattendida aquella Sentença — *Sancta sancte tractanda sunt!*

Antes da *exaltada civilisação humana* não era mister que a Authoridade civil prohibisse o escarneo carnavalesco cahido sobre o que é *Sacro*, porque estava no animo de todos o respeito-o; mas *certo progresso* trouxe o brinqueado e desprezo do que é Religioso; a civil Authoridade affixa *editaes* para o respeito, mas a impunidade ou punidade insufficiente torna-os pouco ou nada respeitadinhos. Uma cousa é *ser Authoridade* e outra *o saber-o ser!* Authoridade que não sabe *sustentar-se* não passa de *condescendencia* a mais perigosa com aquelles, que deve reger e não quérem *ser regidos*, é a *desmoralisação a trasbordar*; e não vemos nós isto a realizar-se n'estes dias e em cada um de estes, e *crescendo?* A civil Authoridade até a propria vergonha tem perdido *hoje*, pois que se deixa escarnecer impunemente e *modo publico*; deixa-se assim ridicularisar e até se ri do que devia chorar, já que é tão traidora á sua missão; *LE redicule tue*, e nem a este *dito* se atem ao menos por interesse pessoal.

Em tempos passados, os homens mais humildes e investidos da auctoridade civil, não consentiam nem o mais leve desprezo ao cargo publico de que estavam investidos, embora não se fizessem cargo do referente *ds suas pessoas*; agora não se zéla o cargo e só se cuida em que este não seja perdido pela pessoa que assim *seja como fôr*, e o geral é assim e as excepções *sam excepções*. E' n'este estado corrupto e corruptor que *sam educados* os futuros funcionarios publicos! Ora o que se pôde esperar da *degeneração da degeneração!* por muito que se possa calcular *agora* com segurança sobre as tristesas graves a vir,

(1) II Petr. III, 16.

(2) Math. XXI, 42 a 44.

(3) Math. XVI, 18.

(4) Math. XXVIII, 19.

(5) Ibid. 20.

(6) Joa. XIV, 33.

(7) Ibid. 26.

(8) Luc. XXII, 32.

(9) Math. XXIII, 3.

(1) Luc. XX, 16.

(2) Luc. IV, 23.

consequencias das já vindas, *agora* só Deos antevê todo ainda maior o *horror social* a vir, se o Mesmo Senhor não acóle segundo Seus Altíssimos Juizos!

Desconjunta-se a *Sociedade* cada vez mais e a *Authoridade civil* é *hoje* a propria que fortissimamente para isto concorre! A Igreja de Deos é a *Arca unica de Salvação*, pois isto a *Authoridade civil moderna* não reconhece, e não só não reconhece mas muito ataca a Mesma Igreja! porem como *Esta é indestructivel* n'ella se salvarão do *naufragio* todos os que forem de boa vontade *segundo Deos*, que Permittirá ainda outra *Sociedade* que não será a *Maçonico-Revolucionaria*. *Tristissimo* o estado presente *social!* apellemos para o *Todo-Poderoso!* e façamos da nossa parte como se dependesse de nós, não porque Deos careça de nós mas porque Deos *assim o Quer!*

26—2—84.

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

WALDSTATT

ou

NOSSA SENHORA DOS EREMITAS

Historia e lenda

A TREZE kilometros N. E. do cantão de Schwitz, na Suissa, está situada a cidade de Einsiedeln, sobre uma planicie de 914 metros d'altura, e cercada de altas muralhas dos lados de Oeste e d'Este.

A sua população, segundo os ultimos recenseamentos é de 7:633 habitantes.

Tem gymnasio, escola preparatoria ecclesiastica, e um seminario theologico.

Importante pelas suas manufacturas de lanificios e tinturarias, consideravel pelo seu activo commercio de madeiras; principalmente com o cantão de Zurich, e ainda mais, pelo de livros, rosarios e imagens religiosas, o que porem, a faz sobremodo distincta, e n'estes ultimos tempos a tem tornado assaz conhecida e visitada, é a notavel abbadia de benedictinos de *Nossa Senhora dos Eremitas*, fundada no meado do seculo x, no lugar que occupava a ermida de S. Meinard, erecta em 1274 em abbadia primaz imperial, e cujo abbade occupava o segundo lugar entre os abbades no Concilio de Basilea.

—E' que alem da sua bibliotheca, que conta obras raras, preciosos manuscritos e mais de 2:600 volumes, a romaria annual que de todas as partes da christandade, ali vae em devota peregrinação, tendo sido sempre concorridissima, d'anno para anno mais cresce, apresentando, mércê de Deus, novos e louvabilissimos caracteres de zelo e fer-

vor religioso, que gratamente recordam as santas visitas que n'outros tempos faziam nossos paes na fé, ás abençoadas terras da Palestina, e aos sanctuarios mais famosos por milagres incontraversos, e prodigios indiscutíveis.

Prendendo-se á mais remota antiguidade,—aos tempos heroicos de Carlos Magno,—a celebre peregrinação de Nossa Senhora dos Eremitas, tambem conhecida pelo nome de—WALDSTATT—ou o Loretto da Helvecia, á poesia do sentimento religioso que desperta, reúne o maravilhoso condão do sobrenatural, que quer na historia, quer na lenda, accentuam profundamente os dons da graça, com que o Senhor Deus e Pae de misericordias infinitas, se revela Clemente e Bom, tanto hoje como sempre.

O Santo que primeiro habitou o eremiterio de Einsiedeln, e cujo nome já acima enunciamos, era um joven senhor ou principe, oriundo da illustre familia dos condes de Hohenzollern. Dotado d'um genio scismatico, que constitue ainda a feição saliente do character germanico, Meinard, apenas attingio a epocha da adolescencia, fugindo da sociedade, de preferencia procurou sempre o retiro e a espessura dos bosques, que abundavam então na sua patria, e entregando-se a mysticas contemplanções, ao ruido das fervidas fontes, correndo por sob a sombra dos carvalhos, só vivia e só amava entreter-se a sós com Deus.

Não raras vezes, o surpreendia a noite lendo attentamente a Escripura Sacra, n'um velho livro de sexos d'ouro que herdára de seus paes, ou meditando profundamente sobre os milagres e beneficios da Santa Virgem.

A sua alma exaltava-se na solidão, pelo que apiedando-se do mundo, e dos seus futeis bens, professou na abbadia de Reichenau, que pouco depois abandonou, para se fixar n'um pequeno eremiterio edificado sobre a corôa do monte Etzel.

Ali passou sete annos: mas o rescendente odor de suas virtudes, descendo até ao fundo dos valles, primeiro os mateiros e os pastores, depois os senhores e as damas, affluiram todos com afan a implorar-lhe humildemente as suas orações e os seus conselhos.

A' semelhança do thaumaturgo lusitano, Santo Antonio, taes homenagens eram um tormento para o joven eremita, a quem só aprazia a oração e a paz dos bosques, e tanto que uma noite deixou elle furtivamente o seu eremiterio, levando apenas comsigo a imagem de Maria, unico ornamento da sua rustica capellinha, e refugiou-se n'uma floresta do cantão de Schwitz, que era conhe-

cida pelo nome caracteristico de—*floresta escura*.—

Trinta e dois annos depois, o piedoso varão foi assassinado por uns malvados com quem partilhára a agua da sua fonte, e os fructos silvestres da sua floresta:—mas o castigo de Deus não se fez esperar;—as aves do ceu perseguiram os assassinos, que com a vida pagaram tamanho crime, pois como escreve o Abbade Orsini, dois corvos os accessaram continuamente até Zurich, chegando mesmo a abrir passagem aavez das janellas da hospedaria aonde elles se tinham refugiado, e só os deixaram depois de terem sido testemunhas do seu supplicio. E é em memoria d'este prodigioso caso, diz ainda o mesmo escriptor, que a abbadia de Reichenau tem e appresenta dois corvos nas suas armas.

Depois da tragica morte de Meinard, a sua cella, onde tantos prodigios se haviam operado, esteve deshabitada por espaço de mais de 50 annos, até ao dia em que uma pequena associação de eremitas n'ella veio estabelecer-se, sob a direcção e regra de S. Bennon, da casa ducal de Borgonha.—D'aqui a origem, d'aqui o sobrenome de *Nossa Senhora dos Eremitas*, que recebeu a capella de Einsiedeln. E Santo Eberhardo que lhe consagrou seus bens que eram consideraveis, propondo-se o santo fim e empenho de construir n'este mesmo lugar um mosteiro, effectivamente teve não só a gloria de o ver concluido, mas tambem a de ser d'elle, o primeiro abbade.

A capella da virgem, tal qual existia no tempo de S. Bennon, foi collocada na vasta Igreja do convento onde a cella de Meinard forma o coro: os Francezes destruíram esta capella que resistira aos vandalicos ataques do protestantismo, mas Deus permittio que a miraculosa Imagem da Virgem escapasse e fosse salva a tempo.—Reintegraram-na na Igreja de Einsiedeln em 1803 com muita solemnidade, e em 1817, graças ao concurso dos artistas mais distinctos, e ás abundantes esmolas dos fleis, recuperou ella uma parte do seu antigo esplendor e magnificencia.

O mosteiro de Einsiedeln não se ergue sob um ceu doce e suave:—bem pelo contrario,—o seu campanario coberto de neve uma grande parte do anno, se esfuma sob escuras nuvens, que occultam longas geadas; ao sopé d'elle, prolonga-se um sólo esteril onde difficilmente se douram e amadurecem as magras messes; apenas alli se encontram raros e insipidos fructos, e os proprios campos não se enfeitam nem produzem outras flores senão os lilazes da batata:—mas como que em compensação de tão agreste e alpestre sitio, lá está a Virgem Santa,—a Senhora dos Eremitas,

—que ama demonstrar o seu poder e os seus prodígios em pró de seus devotos filhos, que ali a vão visitar implorando-lhes humildes, patrocínio e graça, amor e benção.

(Continua)

O Vigário

MANUEL F. DOS SANTOS PEIXOTO.

Secção Historica

A EGREJA DE BRAGA

V

UM dos varões veneráveis, honra e lustre da Igreja e cidade de Braga, que justamente se preza de o haver procreado, é o grande Paulo Orosio, a quem alguns erradamente chamam Orosio.

Supposto que muitos o dêem nascido em Hespanha, arrogando-se algumas cidades, entre ellas a de Tarragona, a gloria de serem o seu berço, é mais provavel que Orosio visse a luz do mundo em Braga, e com toda a certeza na provincia bracharense.

Foi um famoso historiador, varão de grande nome e auctoridade; e de sua sciencia e virtude deu egregios testemunhos no Occidente e no Oriente. Já com a penna, já com a palavra rebateu os sequazes das heresias de Prisciliano e Origenes, que no seu tempo grassavam na Hespanha, e particularmente na provincia da Galliza bracharense.

Summamente respeitado dos dous grandes doutores da Igreja, Santo Agostinho e S. Jeronymo, viveu por algum tempo em sua companhia, sendo discipulo do primeiro que lhe ensinou a sciencia da Escriptura santa. Do eremita de Belem aprendeu Paulo Orosio a sabedoria e o temor do Senhor, como elle mesmo afirma em uma carta.

O nosso illustre bracharense foi enviado ao Oriente com uma carta de recommendação de Santo Agostinho para S. Jeronymo que então se achava em Belem. A carta do grande Bispo de Hypona, em que tanto elogia o presbytero de Braga Paulo Orosio, pelo seu talento, eloquencia, zelo e santidade, é um dos monumentos mais preciosos da historia ecclesiastica do quinto seculo.

Em Jerusalem assistiu Orosio ao concilio que tinha congregado João, Bispo d'aquella cidade. Ali foi escutado com grande respeito o famoso bracharense, que expoz tudo o que se tinha passado em Africa, a respeito da heresia de Pelagio e Celestio.

N'este concilio de Jerusalem, que foi celebrado no anno de 415, foram condemnados os dous heresiarchas, para o que muito concorreu o nosso Paulo Orosio

com a sua palavra eloquente, citando a auctoridade de Santo Agostinho, que ainda vivia.

Alli, de commum accordo, se determinou que as actas do concilio fossem enviadas a Roma, a fim de que as examinasse o Papa que então era Innocencio I, e que *todos abraçariam a doutrina que elle decretasse.*

E' isto uma prova clarissima de que os padres d'aquella famosa assembleia reconheciam a infallibilidade do successor de S. Pedro.

Foi brilhante e dignissimo o modo como se houve o presbytero bracharense no concilio de Jerusalem. Entre todos os que alli se acharam elle foi o mais distincto. Unindo o grande talento com a boa vontade, e a instrucção com a sabedoria, o seu voto foi unanimemente abraçado pelos padres.

Paulo Orosio escreveu, por conselho do illustre Bispo de Hypona, uma *Historia contra os pagãos*, desde o começo do mundo até o seu tempo.

E vem tambem a proposito mencionar outro illustre bracharense, cujo nome apenas referimos n'um artigo antecedente: é Santo Avicto, que foi arcediogo de Braga, e que se achava na Terra Santa quando alli chegou Paulo Orosio.

Santo Avicto tinha sido mestre de Orosio, e se ausentara de Braga pouco antes da entrada dos barbaros do norte na peninsula hispanica.

O Arcebispo Balconio lhe encarregou algumas cousas convenientes á religião catholica, porque reconhecia no seu arcediogo auctoridade, sciencia e santidade.

Sabendo Avicto que Paulo Orosio regressava a Braga, mandou por elle uma parte consideravel das reliquias do proto-martyr Santo Estevão, com uma carta ao Arcebispo Balconio, ao clero e povo da Igreja de Braga.

Chegou finalmente Orosio a esta primacial cidade com tão precioso thesouro, que Balconio e os fleis de Braga receberam com grande jubilo.

Não se sabe com certeza onde existem as reliquias de Santo Estevão, mandadas de Jerusalem por Santo Avicto. E' provavel que se achem confundidas n'uma caixa de prata cheia de reliquias, antiquissima, ignorando-se os nomes dos santos.

Santo Avicto viveu muitos annos em Jerusalem, onde era venerado como oraculo divino, sendo consultado por todos os sabios nas cousas da religião. Depois de converter á fé christã alguns infleis, morreu a 17 de junho de 440, segundo narra o cardeal Baronio.

Segundo Paulo Orosio, Braga foi a primeira cidade das Hespanhas onde se publicou o edicto que o imperador Augusto Cesar passou em Tarragona (de cuja provincia era Braga a principal chancellaria), para que todos os homens

do imperio romano fossem offerecidos a Jesus Christo, que dentro de pouco tempo havia de vir á terra.

E assim parece que Deus preparava a Igreja de Braga para ser brilhante e florido jardim do christianismo.

Depois da evangelisação do Apostolo S. Thiago e de seu discipulo, S. Pedro de Rates, primeiro Bispo d'esta metropole, aqui floresceu a religião do Calvario, derramando por ella muitos o seu sangue nos tempos de lucta contra o paganismo.

Entre os illustres martyres, que a historia refere n'esses dias de heroismo christão, não podemos esquecer os gloriosos S. Theophilo, S. Saturnino e Santa Berocata, que nasceram em Vianna do Castello, ou nos seus suburbios, e que alli mesmo foram immolados, durante a perseguição do imperador Valeriano.

Estes santos são considerados como padroeiros de Vianna.

Aqui tambem padeceram martyrio, segundo alguns historiadores, S. Maximiliano e S. Valentim, Bispos de Vianna, que querem fosse cidade episcopal nos primeiros seculos da Igreja.

A historia d'este tempo é muito obscura e confusa, querendo alguns que os mencionados santos fossem naturaes da antiga cidade de Britonia, e que alli padecessem pela fé christã.

Seja como fór, é innegavel que todos elles pertencem ao territorio bracharense, em cujo districto estava situada a antiga Britonia.

Consta que tambem aqui foi martyrisado Santo Aristobulo Zebedeu, pae de S. Thiago e de S. João Evangelista. Assim como tiveram igual sorte S. Lucio e seus companheiros, Absolonio, Largo, Herachio e Primitivo, e mais tarde Gorgonio, Firmo, Antonio e a virgem Agapes.

Não é possivel relatar os nomes de todos os varões que com seu sangue deram testemunho da fé christã, em Braga ou no seu territorio, ou que por suas virtudes foram o ornamento d'esta primacial Igreja; mas, alem dos que ficam apontados, não deixaremos sem menção os seguintes:

Santa Viatride e dezoito companheiros; Santa Seraphina; Santa Senhorinha e Santa Godinha (ambas religiosas de S. Bento e abbadessas no mosteiro de Vieira, em Basto); Santo Aginha que foi salteador no monte de S. João de Arga; S. Luiz e S. Crispolito (Bispos de Britonia); S. Leuciano; S. Simplicio; S. Columbano; S. Socrates; S. Pigmenio; Santo Estevão, abbade; Santo Amaranço; S. Bento, eremita; S. Leonardo; S. Gervasio; o B. Romeu; Santa Comba; S. Julião; e outros muitos, de algum dos quaes faz commemoração o breviario bracharense.

Para gloria da Igreja de Braga ac-

crece que perto dos seus muros houve um mosteiro de monges beneditinos, que depois foi erigido em sé cathedral. Tinha sido edificado por Theodomiro, rei dos suevos, e dedicado a S. Martinho, Bispo de Tours (França).

O primeiro abbade d'este mosteiro foi S. Martinho, chamado Dumienese, do nome do lugar em que se fundou aquella casa religiosa; e tambem foi elle o primeiro Bispo de Dume.

S. Martinho Dumienese, um dos homens mais respeitaveis do seculo vi, foi depois Arcebispo de Braga.

A diocese de Dume, que era suffraganea á de Braga, incorporou-se finalmente n'esta.

E' esta a tradição que seguem gravissimos auctores; mas, segundo alguns, e parece mais provavel, o superior do mosteiro de Dume era *abbade mitrado* com honras episcopaes, e não propriamente Bispo com diocese determinada.

Dume é hoje, e ha muito tempo, uma parochia, denominada S. Martinho de Dume.

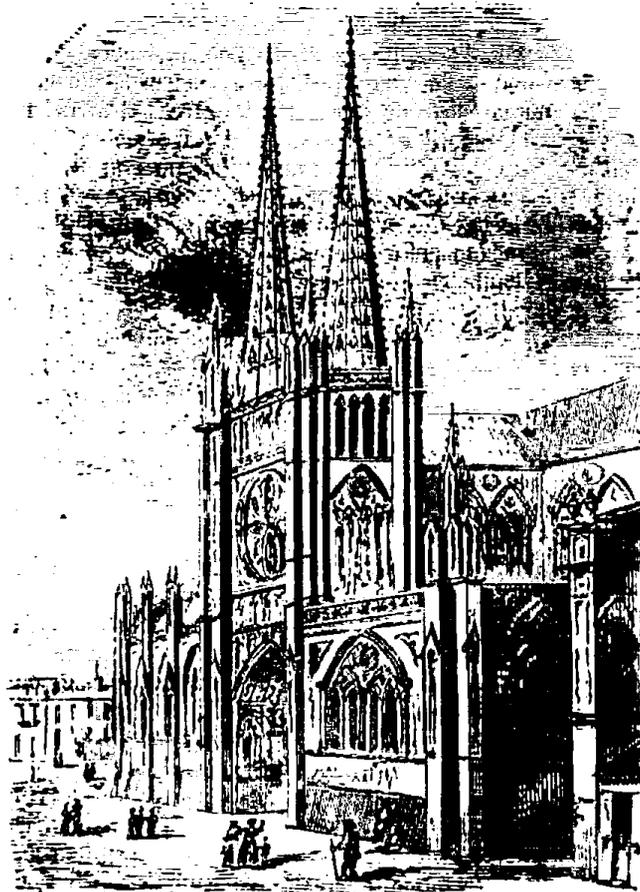
P.º João Vieira Neves
Castro da Cruz.

Cabido. Que crime commetteram elles? Não se sabe; é misterio, que até agora ainda se nos não revelou, e nem elles têm conseguido conhecer, por mais que examinem a sua consciencia e puxem pela memoria.... E como foram expulsos das suas cadeiras?..... Sem se lhes formar culpa, sem serem judicialmente processados, convencidos, e

partes d'elles, haviam sido membros d'aquella junta; consequentemente se tinham constituido injustos aggressores de seus collegas, instrumento de que Loureiro se valera para lhes fazer esta injustiça, e violenta espoliação.

Não sendo, pois, convocados esses conegos, mostraram os eleitores nessa mesma ommissão, manter, e sustentar contra elles, para lhes impedir o direito, que lhes competir, de concorrer a esta eleição, aquella mesma força, violencia, e espolio, com que os tinham expulsado das suas cadeiras: E poderá já-mais vir ao pensamento humano julgar valiosa e canonica uma eleição, para a qual é pelos mesmos eleitores vedada, ou impedida, se não physica, ao menos moralmente a concorrência dos outros collegas, que tinham igual direito, que elles, para exercer esta para a Igreja Bracharense tão melindrosa, como importantissima função?!

Nem se diga que estes conegos, supposto não terem sido convocados, nem admittidos a esta eleição, e estarem certos, que seriam repellidos, ainda quando espontaneamente a ella se apresentassem, com tudo nunca reclamaram, e que o seu silencio é sufficiente prova da sua



FRANÇA — CATHEDRAL DE BORDEAUX

OUTRO MANUSCRIPTO

O seisma da Igreja de Braga

(Continuado do n.º anterior)

§ 3.º

Injusta exclusão dos verdadeiros eleitores

HAVIA na cidade abundancia de conegos, que não só preenchiam mas superabundavam o numero pelos Estatutos determinado; não faltaram pois para esta eleição conegos; aos conegos é que faltou para ella a necessaria, e *de jure* devida convocação. E por que não foram elles convocados? Por uma Junta chamada Expurgatoria, creada por Loureiro, talvez com o fim de expulsar da cathedral os conegos, que não eram da sua parcialidade, e mais benemeritos do

sentenciados e sem se observarem as solemnidades essenciaes (aqui é que têm logar as grandes, e energicas palavras dos nossos contendores) *sem se observarem as solemnidades essenciaes, que todas as Leis recommendam e entre ellas a audiencia das partes, que nunca o direito permite pretirir, ainda nos casos mais justificados, e mais notoriamente sabidos, e reconhecidos.*

A' vista do que, quem não devera reconhecer que os conegos removidos e expulsados soffreram enormissima lesão em seus direitos, e se lhes fez *violenta força, e espolio contra a posse pacifica* em que estavam das suas cadeiras, e dos direitos, que lhes competiam em virtude dos seus titulos, e das Bullas Apostolicas, que lh'os tinham conferido, um dos quaes era votar nesta eleição? — Accresce que os mesmos eleitores, ou

aprovação, e consentimento. Primeiramente nunca o mero silencio se reputa prova efficaz, e demonstrativa do consentimento, principalmente em materias de tanta consideração, e transcendencia. Alem disso seria necessario que esse silencio fosse espontaneo e livre; mas a mesma coacção, que os arreda das suas cadeiras, lhes fecha a bocca. Elles muito bem sabem, que as suas reclamações alem de serem despresadas, serão severamente punidas. Concluamos pois que esta eleição é absolutamente ociosa, illegal, e nulla assim pela legislação particular do Cabido, como por direito commum, que determina, sejam convocados, e nunca impedidos, aquelles *qui a jure vocandi sunt* (1).

(1) Cap. *Cum inter universas*. 18. Cap. *Coram dilecto*. 35. Cap. *Quia propter de elect.*

Talvez que algum escrupuloso nos queira ainda replicar. E' doutrina dos bons Canonistas, que a eleição para a qual não foram convocados, ou foram indevidamente repellidos, aquelles que tinham direito de a ella concorrerem, nem por isso é *ipso facto irrita*, quando muito é somente *irritanda iudices sententia*.

Estamos no mesmo caso: esses canonistas suppoem sempre, que o obstaculo foi *transeunte*, cessou com o acto, que os vogaes ficam em plena liberdade para promover perante o Juiz a nullidade da eleição, mas o não querem e julgam mais prudencia ceder *pro bono pacis* do seu direito, do que promover sua acção que seria injuriosa a seus collegas; mas nós estamos em caso contrario, o obstaculo é *permanente*; e a

clarou *ipso facto nulla*, irrita, e subsistente a que fizeram os tres conegos em Braga.

(Continua).

Lisboa—1884.

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

Secção Critica

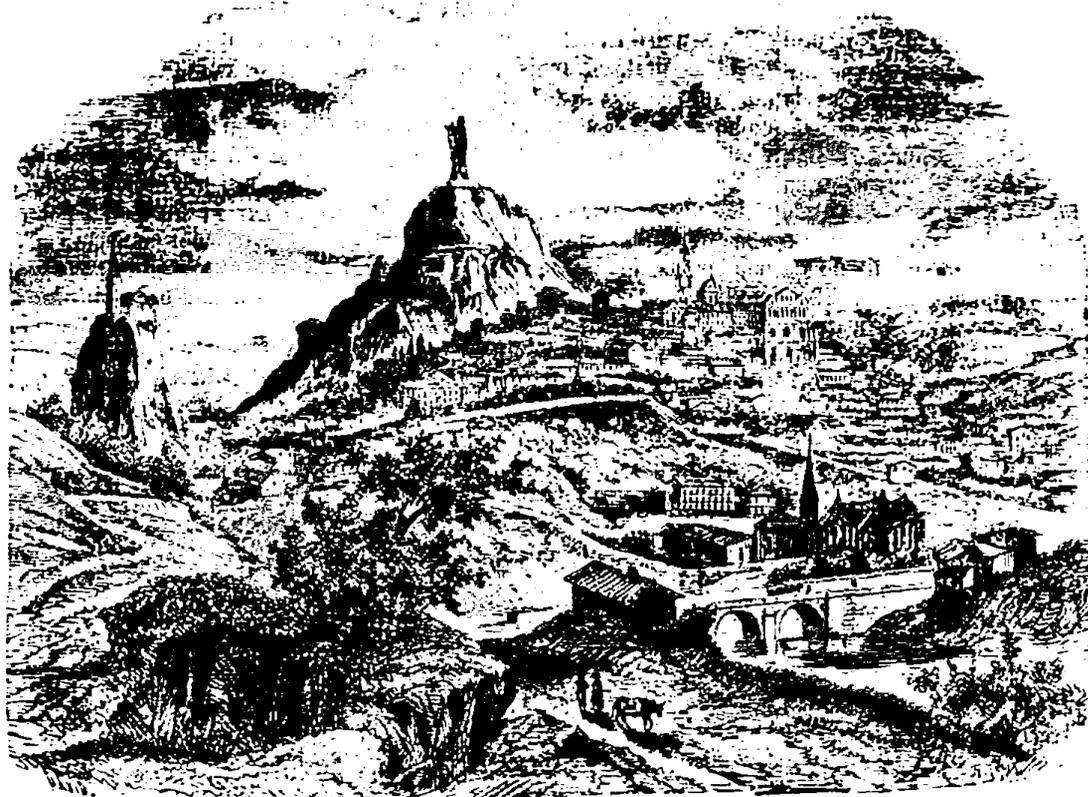
Historia da minha traducção e a critica do snr. Padre Chispim

(Continuado do n.º 7)

VII

A DESASISADA critica do snr. Padre Chispim fez que o livro fosse novamente submettido do exame do

nha reputação de catholico, e tambem, até certo ponto, não deixava de inquietar a consciencia dos que tinham comprado o livro. Por conseguinte resolvi recorrer á S. C. do *Index*, que me não accitou o recurso por não ter fundamento; porque, para o ter, era mister que o Ordinario da diocese, a que o livro pertencia, o tivesse condemnado, e elle, pelo contrario, se o não tinha aprovado officialmente, havia, ao menos, autorisado a sua publicação; o que, segundo o parecer da mesma Congregação, equivalia a uma approvação official. Vê-se, pois, que eu não tinha de que recorrer, mas podia, e pôde fazel-o, um terceiro, que ainda hoje não se dá por satisfeito com a decisão do Prelado, como —por exemplo: o snr. Padre Chispim, ou qualquer de seus sectarios; porque



CIDADE DE PUY—FRANÇA

que Juiz hão elles de recorrer, que lhes receba a acção?

Mas quando os conegos repellidos se achassem em plena liberdade para reclamar a eleição de que tratamos, o seu trabalho é escusado; porque a sentença da nullidade já está pronunciada pelo Juiz, e não por qualquer Juiz ordinario, ou Padaneo, ou ainda por algum tribunal superior, mas pelo Juizo dos Juizes, e do qual não ha appellação nem agravo: pelo Summo Pontífice Gregorio 16, o qual declarando bem feita, firme, e valiosa, a eleição do Sulfraganeo, de-

Em.º Prelado, que, para o examinar, ordenou que se organisasse uma commissão, composta de conspicuos e illustres professores do seminario diocesano. Esta commissão, creio eu, não chegou nunca a dar começo aos trabalhos, e até por essa occasião disse-se-me, além d'outras coisas, que um de seus membros, por desculpa de outro serviço, se excluiria d'ella. Fosse assim, ou não, o que é certo é que haviam decorrido 8 mezes, desde a sua installação, sem se haver feito nada. Esta demora prejudicava, mais que tudo, a mi-

os tem pela simples rasão do mui vulgar proloquio=*que a uma panella não faltou nunca um testo*. E devem-no fazer; fica-lhes isso mais honroso, que andarem a condemnar o livro pelas *encruzilhadas*.

Então como é que o livro pôde ser alli examinado, perguntará alguem? O exame, que se obteve, não é official, mas particular; e foi feito por um dos membros da Congregação juntamente com um theologo portuguez. A Congregação do *Index* não examina senão as obras do seu districto, isto é, de Roma; e só

toma conhecimento dos recursos contra os Ordinarios das diferentes dioceses do mundo catholico, quando lhe são dirigidos por pessoas competentemente auctorizadas. Eis o que pouco mais ou menos, se me disse de Roma, e o que eu aqui declaro francamente para governo de qualquer que um dia possa achar-se nas mesmas circumstancias.

VIII

Com quanto tivesse em meu poder o parecer de Roma, porque este, em vista do exposto, não era, nem podia considerar-se official, tive que resignar-me a esperar pelo juizo da illustre e sabia commissão do Porto; e n'esse proposito estava, quando na —Palavra— appareceu publicado um artigo bibliographico do muito notavel escriptor e philosopho hespanhol, snr. Orti y Lara, que, mais que nenhum outro, como vulgarmente se diz, me poz a cabeça em brazas (vid. *Palavra* n.º 2:824—20 de Janeiro—1882.) Foi então que consultei o mui distincto cathedratico e abalidado catholico, ex.º monsenhor doutor Luiz Maria da Silva Ramos.

Com a publicação do referido artigo notei eu, por parte da *Palavra*, uma incoherencia formal, porque, havendo aquelle jornal catholico apreciado muito favoravelmente o 1.º tomo editado da obra de Lambert (vid. *Pal.* n.º 2:459—20 de Out.—1880), em quanto a questão se achasse affecta à auctoridade competente, não deveria, em boa logica, admitir nas suas columnas escripto algum contrario áquella sua apreciação. Notei mais o grande empenho do snr. Padre Chripim em desacreditar o livro, porque, sabendo elle que este estava de novo affecto ao exame, deveria esperar pelo resultado, e não publicar, como fez, um folheto, em que amalgamou uma resposta sua à *defeza do livro pelo illustrado escriptor, snr. Padre Senna Freitas*, com os artigos publicados n'esta *Revista* contra o mesmo livro; e poz tudo a correr mundo.

Parece que o seu fim principal n'este trabalho era predispor a opinião publica contra o livro, sobre tudo a commissão e o Prelado. Mas fosse esse, ou outro, o motivo do seu afan, é certo que considerou gravemente o Prelado e a commissão, e desagradou completamente à opinião publica sensata, que não approva nunca semelhantes desacatos seja contra quem for, e muito principalmente contra um Principe da Igreja. Foi então que S. Em.ª R.ª, o Snr. Cardeal Bispo do Porto, conformando-se com os dois pareceres, que vem no 2.º volume da obra, a approvou segunda vez e recommendou a sua leitura aos fieis. Está egualmente approvada e recommendada pelos Ex.ºs Snrs. Bispo d'Angra e do Funchal; e sel-o-ia por todos, se a todos

fosse presente. Eis em breves traços o que succedeu ao meu querer fazer bem.

Agora só direi, e em conclusão, que em quanto os catholicos, sejam ecclesiasticos ou leigos, seguirem esta linha de conducta uns para com os outros; em quanto presumirem ser mais catholicos (e até mais sabios) que os proprios Bispos e o Romano Pontífice não farão se não prestar-se à gargalhada da impiedade e fornecer-lhe materia, para que ella diga sempre com rasão que é da Igreja que vem o maior mal.

Murtosa 12—11—83.

P.º VALENTE.

Os Açores e os conventos

É curiosissimo o que ácerca dos Açores e dos conventos diz para um jornal do Porto o seu correspondente da capital. E mais curioso é ainda por ser o *Dez de Março* quem o diz, embora pela bocca do seu correspondente lisbonense.

Escutemol-o:

«Como o snr. ministro das obras publicas adoptou agora o systema de responder ás justissimas reclamações dos povos dos Açores e Madeira, ha tanto desconsiderados e despresados pela metropole, apesar dos muitos sacrificios tributarios que se lhes exigem a todo o momento, com esta extraordinaria desculpa: — *não ha dinheiro*, reproduzo aqui, para conhecimento de s. ex.ª o art. 1.º do decreto de 16 de maio de 1832, firmado por S. M. I. o duque de Bragança, regente em nome da rainha.

Titulo 1.º

Art. 1.º—Os bens de todos os conventos supprimidos nas ilhas dos Açores são bens nacionaes. Os bens dos conventos conservados, podendo não ser sufficientes para a sustentação de todos os religiosos e religiosas entrarão na massa geral da administração que fiscalizará o rendimento e preencherá o que faltar. O governo applica desde já os bens desnecessarios áquella sustentação para abrir portos nas ilhas de S. Miguel, Terceira e Fayal.»

Como se vê os liberticidas para não serem tão odiosos aos povos a quem extorquiram a sua maior riqueza, engodaram-nos com a promessa de que os bens dos frades seriam applicados, nos Açores, em abrir novos portos, etc.! Mas os bens dos frades foram-se, o povo ficou sem as casas onde achava arrumo para os filhos, os pobres sem o pão do corpo e do espirito, e os Açores ficaram sem novos portos, e... a ver navios.

Continuemos a deixar fallar o homem:

«Mas nos Açores foram supprimidos 29 conventos pelo decreto de 16 de maio de 1832 e conservados 8, que a lei de 1834 supprimiu de todo. O rendimento d'aquelles conventos era superior a 200 contos. O snr. ministro das obras publicas pôde vêr o inventario respectivo e por elle verá esta verdade. Em 54 annos esse rendimento capitalizado terá subido á enorme cifra de 10.800:000\$000 réis, de que se deverá deduzir a despeza feita n'esse lapso de tempo com os egressos, dos quaes apenas sobrevivem hoje uns vinte se tanto.»

Em que mãos cahiriam estes DEZ MIL E OITOCENTOS CONTOS DE RÉIS? Em obras que interessem aos povos dos Açores, se não gastaram elles, isso podemos jurar; em escólas para os filhos dos desherdados da fortuna tambem se não gastaram, porque as escólas, as bibliothecas dos frades ainda não foram por outras substituidas, apesar de se apregoar aos quatro ventos que a instrução deve merecer os cuidados dos governos; a sopa, o pão que diariamente o pobre encontrava á portaria do convento, não nos consta que em outra parte se lhe dê, antes pelo contrario vemos a fome campear sinistra por todo este paiz.

Escutemos mais:

«Ora o governo portuguez não cumpriu ainda o compromisso solemne tomado pelo imperador e por Mousinho da Silveira. As docas dos Açores estão sendo construidas á custa dos povos insulanos, com tributação onerosa do seu commercio. A despeza feita nas ilhas é coberta pela receita, dando alguns districtos avultado saldo a favor. E os 10:000 contos do rendimento accumulado dos bens dos conventos (e note-se que não fallamos no dos que foram então conservados, nem nos valores em pratas, ouro, joias de todos elles, que o governo *arrecadou*), onde estão elles?»

Onde estão elles? isso é uma interrogação que ha cincoenta annos se faz, e á qual ninguem respondeu ainda. Mas, imaginemos por um pouco que os governos haviam satisfeito as promessas feitas pelo imperador e por Mousinho da Silveira, e que esses milhares de contos se haviam gasto em dotar os Açores com magnificas docas, soberbos portos de abrigo, etc., etc.; estava por isso o governo desobrigado perante o paiz, de haver desviado os rendimentos dos frades da applicação que os fundadores tiveram em vista ao dotal-os? Não, por certo.

Mas o peor é que os bens dos conventos desapareceram, os pobres ficaram sem pão e os de pequenos haveres sem instrução para seus filhos; o nosso poder colonial vae desaparecendo, a miseria vae assustando os proprios governos, e o paiz vae pouco e pouco pro-

vocando o escarneo das nações que se sabem governar.

Isto é que é a verdade.

UM LEITOR DE GAZETAS.

Secção Litteraria

A COMMUNHÃO

1.ª

(Orando de jasmim e açucenas
Exalando mil fragranças vem baixando,
Lá do alto Emyreio meu amado,
Entra em meu peito.
O' Céos, pasnai!!
Anjos, cantae
Hymnos de amor,
Que nos braços de minh'alma se reclina
O Verbo humanado, pessoa Divina.

2.ª

Estendendo do amor azas potentes,
Sem tempo vence distancia immensa;
E no centro de minh'alma repouzando
Salla de amores,
Com tal ternura,
Que em fogo apura
Meu coração:
E minh'alma derretendo em terno pranto,
Emquanto Seraphius lho dizem: Santo, santo.

3.ª

Atravéz do puro véo que o encobre,
Raios de luz despede tão divina,
Que não podendo supportar a os olhos d'alma,
Em doce treva
Está amando,
Está gozando
Seu caro bem.
Mas não pôde receber quanto reparte
Porque o limite está só de sua parte.

4.ª

O' que estreitos são os seios d'alma
A receber favores tão sob'ranos,
Porém sabe goza um tão sup'rior,
Que bens encerra
Quantos deseja;
Então não p'leja
Com algum mal,
Que no centro da paz e do amor,
Phantasmas fogem, foge o terror.

5.ª

Tractar de amores, disfarçado vem;
Em aggravos não me falla, porque é tempo,
Do amor dar signal, signal de paz.
Perdões concede
Alegremente
Mui docemente
Osculo me dá,
Que n'alma imprime com tal amor,
Que da eterna gloria é o penhor.

6.ª

Com seu contacto! Ah! que pura fico!
Que casto amor na alma infunde!
Que puro fogo no peito inflamma!
Vae-me dictando
Os seus louvores,
Ternos amores
Soi expressar:

E tão bem me outorga a intelligencia
Que do bem, só Elle é a pura essencia.

7.ª

Mas se meu bem depois se ausenta,
Sem alma fica minh'alma; cruel saude!
Vivo só p'ra sentir, carecer da vida;
Em tanta pena
Snaviza a dor
Saber que o amor
Sempre é feliz;
E não querendo sem Elle ser venturosa,
Sua pena se lhe torna delectosa.

8.ª

Volto, ó doce amor, volto a meu peito,
Que meu ser desfallece em sua ausencia;
Elle torna a baixar do alto Emyreio
E seus amores
Logo me acodem,
Soffrer não podem
Ver-me morrer.

Exulta, minh'alma, que o caro amor,
Repeto amante alto favor.

9.ª

Dêco bem, pelo amor com que baixaes,
Dá-me tua mão para que ascenda
Do virtude, em virtude, e sempre apoz
Do cheiro puro
De teus unguentos,
Soffra tormentos
P'ra te gosar;
Se vezes mil tu vens a vizitar-me,
Rogo-te que uma vez queiras levar-me,

10.ª

A's florestas amenas, celicos prados,
Onde a aura do amor sempre insuflando
Refrigera sempre o peito ardente
Na fruição
De amor eterno
O' Deus superuo!
Fazei feliz

Aonde inunda o prazer, o coração,
Que no Sacramento gosou tu'união.—

V. R. G. A.

AVENTURAS D'UM SOLITARIO

(Continuado do n.º anterior)

E do que mais me pasmava era não haver collisão, em tam espessa turma, entre quem entrava e quem saia; antes se alguma notassem ajuçada sob o peso do feixe ou embarçada com a carga, logo lhe davam a mão ou submettiam os proprios hombros.

E assim confessarei que todo aquelle dia me levou tam formoso espectaculo; por onde me veiu a memoria aquillo de Salomão, quando nos inculca para exemplo a solicitude das formigas, e nos incita a succudir a preguiça d'espírito.

D'ahi me nasceu grande tedio da minha vida do captivo e saudade das cellas do mosteiro; e dei em appetecer vida semelhante á das formigas, onde o trabalho é em commum, e a ninguem pertence nada e tudo é de todos.

De volta á cabana dou de rosto com a mulher, e não posso incubrir-lhe a tristeza que me annuvia o coração. Inquieta-se com o meu estado; e senhora do segredo aconselha a fuga. Eu recommendo a maior reserva em negocio cuja gravidade não desconhece, e por muito tempo communicando-nos mutuamente os alvitres, fluctuamos entre o temor e a esperanza.

Dois magnificos cabritos andavam na manada, dos quaes tiro dois ôdres e as carnes para a viagem. E ao cair da noite quando nos faziam no cobil dormindo, abalavamos nós, munidos da carne e das pelles. A umas dez milhas topamos o rio e houvemos de atravessal-o a nadado sobre os ôdres retesados de vento:

fluctuamos um pouco á mercê da corrente, pois viemos a surdir na outra margem abaixo quefarte; o que muito nos valia para desorientar quem pelas pégadas nos buscasse. O peor foi que parte das carnes s'estragaram na agoa, parte se perderam, aponto de só para tres dias nos restar mantença. E contando com a sede que nos esperava, no rio bebemos a fartar.

Partimos de novo, sempre receiosos e a mirar sobre o hombro; e mais nos valem das noites que dos dias para a caminhada, não só por conta dos beduininos salteadores como do queimor d'aquelle sol. Misero de mim! inda agora, depois de tantos annos e posto a salvo de tantos perigos, só de contal-o se me arrepiam os cabellos!

Ao quarto dia de jornada, avistamos no horisonte dois pontos indecisos, que para logo nos avultaram dois viajantes montados em camelos, a caminhar a passo largo; assalta-nos um pensamento de mau presagio e já vemos de negro o sol—é o amo que nos persegue de morte! E no meio de cruéis hesitações e gelados de terror, apenas advertimos nas pégadas que nos denunciavam, logo buscamos esconderijo n'uma longa caverna que temos á direita.

Para temer san n'estes logares os animaes venenosos, pois lá se acoitam á sombra quando queimados pelo sol, vivoras, regulos, escorpiões e outras alimarias d'esta especie. Entramos, porém logo no vestibulo de sinistro covil estacamos, sem coragem de passar ávante com temor de virmos a cair na morte quando da morte fugimos; e alli ficamos ruminando no pensamento de que se N. Senhor se amerceia dos miseros, salvos seremos; se porém abandona os peccadores, aqui teremos a sepultura.

Pensa agora que animo seria o nosso; ou antes que terror quando se nos deparou, a poucos passos da caverna, o amo acompanhado d'um creado! e quando vimol-os calcar nas nossas pégadas, e indireitar á bocca da cova!

O' morte bem mais dura quando esparada, que quando soffrida!

Logo ferido alli d'estupor apenas posso balbuciar palavra: e aos brados do senhor nem ousou lugir.

Chega o creado açodado, vem arrancar-nos do mesquinho asylo: os camelos tem'n'os pelas redeas o patrão com a espada desenhada para nos trucidar á chegada.

Adeantou-se o servo como tres ou quatro covados pela mina dentro; e já nos tomara a dianteira sem advertir, cégo com a repentina escuridão, que nos tinha já pela recluda.

E entrou de nos appellidar com voz stentorica, que echoava pelos ambitos d'aquelle medonho antro:

«Fôra d'ahi, velhacos! sai já, vinde á

morte que vos espera: duvidaes? hesitaes ainda? espera-vos o amo e está impaciente».

Ainda o malaventurado clamava, quando avistamos no escuro uma leoa filal-o d'um pulo pela garganta, e estrangulado já e todo ensanguentado ser por ella arrastado para dentro.

Jesus meu! que pavor o nosso misturado de momentaneo d'allivio! Presenciamos a morte instantanea do nosso fero inimigo fóra das vistas do senhor.

Este porém notando a demora e suspeitando não houvessemos nós resistido, acceso em ira e brandindo a espada avança para a cova: fuzilavam-lhe de furôr os olhos, e increpava duramente a cobardia do servo. Elle porém tambem veiu cair nas garras da fêra, inda antes de chegar a nós!

Quem nunca tal pensara? que houvesse de se bater em nossa defesa e a nossa vista tam terrivel animal?

Desvanecido este medo, outro se apresenta: o de nos esperar sorte igual: só que menos era arrostar a raiva do leão que a ira dos homens.

Apossou-se de nós o pavôr, nem ousamos arredar pé; e no esperar do desenlace, em tanto perigo constituídos, valle-nos apenas o antemural da boa consciencia, a consciencia da pudicia respeitada.

N'isto a leoa temendo laços, quando se percebeu observada de perto, tomamos dentes os cachorros e larga-nos o covil protector: e nós desconfiados nem com este passo nos decidimos a partir; ali permanecemos aterrados, sempre anciosos por sair e sempre com medo de tam funesto monstro. Sacudido allim o terror, saímos pela tarde do outro dia; e qual não foi o nosso espanto quando deparamos com os dromedarios, assim chamados da sua maior velocidade, a ruminar pacificamente os alimentos da vespera!

Montamos de prompto em tam prestadios animaes, e refocilladas as forças nas provisões do alforge, ao fim de dez dias de caminhada pelo deserto abordamos a um acampamento de romanos. Ao tribuno rellatamos fielmente os successos, o qual nos enviou a Sabinus, duque de Mesopotamia onde recebemos o preço dos animaes. E como já então tivesse adormecido no senhor aquelle meu santo Abhade, a esta terra passei para de novo me confiar à direcção dos caridosos solitarios. A companheira entreguei-a n'um convento de religiosas, conservando-lhe o affecto d'esposo, não a confiança e abandono d'irmão».

Isto me contou na minha mocidade o velho Malcho; isto agora nos dias da minha velhice vos transmitto eu. E' contar aos castos uma historia da castidade; aos virgens fazer uma exortação de conservarem a virgindade.

Vós passai à posteridade o caso; que sempre conste e bem conste—entre espaldas ameaçadoras, no horror do deserto, em meio de bestas feras sempre é livre a pudicia; e que o homem de Christo pôde morrer, não ser vencido.

(Traduc. livr.)

FIM

M. C.

Secção Illustrada

I

França—Cathedral de Bordeaux

BORDEAUX é uma das principaes cidades de França, capital do departamento do Gironde, a 583 kilometros de Paris, com uma população de 194:000 habitantes.

De entre os muitos e famosos edificios e monumentos que possui, é o principal a magnifica e esplendida cathedral, sob a invocação de Santo André. Foi principiada em 1096, lançando a primeira pedra o Papi Urbano II, continuando as obras, e sendo concluida em épocas diferentes.

A nossa gravura, da primeira pagina, (1) dá exacta idéa da belleza architectonica de tão bello monumento, todo ornamentado com notaveis estatuas e aprimorados arabescos. A porta principal é um primoroso trabalho, pelas muitas estatuas de anjos, santos, apóstolos, monjes, etc. etc., e ornamenta assaz a esbelta fachada um grande florão, restaurado ha poucos annos. As duas torres são elegantissimas, mediado perto de cem metros d'alto.

O interior do templo é em forma de cruz e mede de comprimento perto de cincoenta metros, vinte de largura e vinte e sete d'altura. No seculo XVI foram reconstruidas as abobadas, que um terremoto havia arruinado. O altar-mór, de estylo renascença, é uma obra admiravel, como admiraveis são alguns tumulos que se observam em varios pontos do templo.

II

Cidade de Puy—França

Esta formosa cidade, conhecida no tempo dos romanos por *Civitas Villavorum*, é hoje uma povoação importante de França no departamento do Alto Loire, a 556 kilometros sueste de Pariz, entre a margem direita do Borne e o Dolezon, com uma população de perto de vinte mil habitantes. E' séde d'um bispado, suffraganeo de Bourges, e possui dois seminarios de 1.ª e 2.ª ordem, lyceu, escolas normaes, escola de surdos-

(1) Por conveniencia de paginação não foi publicada na 1.ª pagina.

(O editor).

mudos, muitos conventos e boa bibliotheca publica. N'esta cidade e arredores ha muitas fabricas de rendas, de cortumes; varias fundições de cobre, e é terra muito commercial.

Cidade construida em amphitheatro na encosta do monte Aniz, onde fazem junção tres formosos valles, banhados pelo Loire, Borne e Dolezon. São muitas as antiguidades que n'esta cidade tem que admirar o amator, taes como sepulturas, grutas e instrumentos de pedra do tempo dos celtas e dos romanos. O seu principal edificio é a cathedral, soberbo templo do seculo XI, que se eleva no cume do monte Aniz, sob a invocação de Nossa Senhora. Além d'esta igreja são notaveis tambem as de S. Lourenço, onde se guardam os restos mortaes de Duguescku, e a capella dos Templarios.

E' no rochedo negro, que fica no mais alto do monte Aniz, que se eleva a colossal estatua da Virgem, fabricada com o bronze das peças tomadas em Sebastopol, no anno de 1855.

Puy é patria do Pontifice Clemente IV, do Cardeal Melchior de Polignac, dos pintores Bosper e Gny, e do marechal Lantour-Maubourg.

R.

Secção Bibliographica

O POSITIVISMO E A SOCIEDADE

Por Carlos José Caldeira

e a opinião da Imprensa

XI

DO «O TIROCINIO», DE BARCELLOS

(De 2 de dezembro de 1883)

O Positivismo e a Sociedade.—Assim foi baptisada uma serie d'artigos de polemica philosophica, publicados em o jornal—*A Palavra*, e reimpressos em um livro, editado pela casa editora do sr. Teixeira de Freitas, depois de terem sido devidamente retocados pelo malgrado auctor, p sr. Carlos José Caldeira, o qual não logrou vêr o acolhimento que teve a sua obra, porque a Providencia lhe havia contado e dado por findos os dias da existencia.

Ha muito tempo deviamos ter fallado d'este curioso e interessante livro, porque a generosidade da offerta, que nos foi feita, reclamava de nós o cumprimento d'este dever; tal silencio deve ser tido em conta da nossa absoluta impossibilidade, resultado de innumerables affazeres que sobrecarregam a nossa vida de trabalhador obscuro, mas dedicado e sincero e não a menos consideração pela offerta e pelo offertante, a quem nos prende a consideração e a estima que temos por todos os homens que debotam toda a sua actividade ao espinhoso e santo trabalho das letras. Na rapidez

com que se esgotou a primeira edição, pois que é já em segunda edição que este livro nos visita, está a mais solida garantia do valor do *Positivismo e a Sociedade*.

A introdução, feita pelo laureado escriptor, o sr. Senna Freitas, é um documento de subido valor, e tem, para nós, tanto merecimento como o restante da obra, porque de todos os escriptores catholicos é, o sr. Senna Freitas, o que nós mais admiramos, pela sua muita illustração, lucidez de ideias e vigorosidade na argumentação. Pode dizer-se, sem lisonja, que o introductor do *Positivismo e a Sociedade* é entre nós, na sua escola, o primeiro escriptor.

Vamos trasladar aqui, em resumo, o conceito que o sr. Senna Freitas formou do livro, de que ora nos occupamos, para que os nossos leitores melhor possam avaliar do merecimento do mesmo livro:

«O estudo critico do auctor é sério e circumspecto. Traz a lume algumas das asserções mais arrojadas das obras de certos escriptores filhados na escola de Comte, e das entranhas d'essas asserções arranca as consequencias monstruosas que d'ellas se deduzem por um nexo fatal. Fal-o com notavel lucidez e vigor. Assim vae caminhando com passo seguro até ao fim do seu livro, pôde dizer-se que cada percursão da sua clava de philosopho analysta é um golpe certo que desmorona uma pedra do edificio contesco, reparado e escariolado por Emilio Littré.

A linguagem em que o livro está escripto é sempre grave, moderada como a do argumentador que se possui para nunca mais cessar de ser cordato, singela e nobre por vezes até a magestade, como as roupagens que pendem dos hombros dos heroes, esculpturados no marmore. O fundo nunca é sacrificado á forma, mas a forma faz de continuo resair o fundo.»

Depois de apreciado o valor d'este livro por um critico eminentemente auctorizado, como o sr. Senna Freitas, nós dispensamo-nos de o apreciar; limitamos a nossa acção a uma recommendação aos nossos leitores e a um sincero agradecimento ao benemerito editor, a quem pedimos nos leve em conta as razões que apresentamos para justificar o nosso silencio.

Retrospecto da quinzena

ESTÁ de luto o nosso bondoso correspondente de Vianna do Castello, o Ill.º Sr. Duarte Pereira Dias Ribeiro pelo fallecimento de seu pae estre-mecido o Ill.º Sr. Bernardino José Pereira, da Povoá de Lanhoso. Muito deve o *Progresso Catholico* a um tão decidido

amigo da Igreja, e por isso pedimos a todos os leitores da nossa Revista um P. N. e A. M. como suffragio pela alma do finado, para que Deus lhe dê a Gloria eterna.

Esperamos de todos esta caridosa oferta.

Nossas orações e de todos os catholicos elevemos ao throno do Senhor pelas melhoras de um fidalgo distincto, de um cavalheiro verdadeiramente portuguez, que se acha gravemente enfermo. E' o Ex.º Sr. Dr. Nicolau de Mendonça Falcão, de Vizeu, nosso amigo e typo da antiga nobreza d'estes reinos.

Não estava satisfeito o governo humbertino com a espoliação, feita ao Papa, de todos os seus estados, nem com a que fôra feita ás ordens religiosas de Italia; quiz mais, foi mais longe a sua ambiciosa escamoteação.

A congregação da *Propaganda Fide*, cujos bens, administrados sob a sabia inspecção do proprio Soberano Pontifice, não pertenciam nem á Italia nem mesmo a nação alguma em especial, porque todas as nações catholicas concorreram para a obra mais civilisadora que até hoje se tem conhecido; esses bens, dizemos: victimas da cobiça de um governo descrente e inimigo das publicas liberdades, foram convertidos em titulos da renda do Estado, o que vem a ser a mesma cousa que se disseramos—foram empalmados pelo governo.

O Santo Padre fez saber o sacrilego attentado a todas as nações catholicas, mas que vale isso? Não estão quasi todas mais ou menos inclusas nas mesmas censuras e penas? Que se tem feito em França, Hespanha e Portugal?

A's Associações Catholicas é que cumpre protestar contra um tal attentado, e d'algumas sabemos que o tem feito em Hespanha.

Prepararam-se grandes festas em todo o mundo catholico para solemnizar o primeiro centenario da sympathica devoção do Mez de Maria. Em Hespanha projectam-se grandes peregrinações e romarias a varios templos consagrados á Virgem Immaculada, e de esperar é tambem que em Portugal se faça alguma cousa.

Bem dizia o sr. Fontes, segundo noticias dos jornaes, que por desgraça inunda o paiz com fortes aguaceiros de tributos, que não queria frades, nem freiras, n'este reino de que elle se julga senhor. Não o disse somente, vae pondo em pratica os seus *patrioticos* intentos.

Os nossos leitores devem lembrar-se de se haver publicado n'esta Revista, em seu n.º 8 uma representação que ás côrtes dirigia o illustrado governador do

Bispado de Macau, rev.º sr. Morgado Junior. Pois agora encontramos no *Commercio do Minho*, a noticia de que essa representação não chegará ás côrtes porque o governo o prohibira!

Já se vê que o unico remedio que temos é esperar que a *Fonte* seque de todo, ainda que tenha feito seccar todas as fontes que abasteciam o paiz, para depois haver frades.

Queria lá o sr. Fontes frades!

E já que de frades nos occupamos não devemos deixar de mencionar um facto que prova assaz que a excommunião caiu e caiu bem sobre os que compraram os bens dos frades. A grande quinta do convento de Santa Cruz de Coimbra, que fôra vendida por uma quantia, que, segundo a opinião do sr. Martins de Carvalho, nem chegava para fazer parte dos muros, vae ser posta em praça por inventario de orphãos. Quer dizer, a familia do rico negociante, que nós conhecemos perfeitamente, não pôde continuar a possuir o que era dos conegos regrantes de Santa Cruz, e põe a grande e formosa quinta em praça!

E' a excommunião a pesar, a pesar sobre os descendentes dos que compraram illegalmente o que a outrem pertencia.

Diz-se que a camara municipal vae expropriar esta bellissima quinta para fazer passeios, etc. etc.

Continua o vandalismo!

A Mesa da Veneravel Ordem 3.ª de S. Francisco de Guimarães, mandou esculpturar em Roma, pelo bem conhecido artista Berardi, uma imagem do Patriarcha da Ordem, S. Francisco d'Assis. A imagem chegou ha dias a esta cidade e está já exposta á veneração dos fleis na igreja da mesma Ordem. E' um trabalho que honra sobre modo o artista e que dá gloria á corporação que a adquiriu.

O Santo está em posição de prégar, segurando na mão esquerda um crucifixo, com os olhos lutos no céu, como antevendo a Gloria Eterna. O rosto é admiravel de expressão e santidade, e o habito, tão naturalmente feito, que mesmo de perto se não pôde dizer se é um trabalho em madeira, ou se grossa estamena ajustada ao corpo do Patriarcha pelo cordão da penitencia, que tambem parece grosseiro esparto.

Os nossos parabens á respeitavel corporação que tal lembrança teve.

Os jornaes que se publicam em Napoles, na cidade que fôra capital das Duas Sicilias, antes que os liberticidas italianos fizessem a *unidade*, contam que o legitimo rei d'aquelle Estado offerlára á igreja do Carmo da diffinidade de Napoles quatro magnificos frontaes de praça cinzelada, no valor de VINTE UM

CONTOS QUATROCENTOS E VINTE MIL RÉIS.

Acrescentam os mesmos periodicos que poucos dias antes havia o desthronado rei de Napoles enviado a mesma egreja uma lampada de prata, pezando mais de quarenta kilos.

A esta hora já o chefe da Italia una hade ter, por meio dos seus agentes, inventariado estas dadivas, que certamente virão a fazer parte dos bens da nação. Poderá!

Os inimigos da sociedade, os que mais pregam liberdade, igualdade e fraternidade, são concordes todos, sem excepção de côres politicas, em que o catholicismo está a findar; que pouco faltará para que elle desapareça de sobre a terra, e, apesar de tudo, contra esses prophe- tas de agua doce, nós vemos que em todos os seculos se foi augmentando essa divina religião, e mesmo no seculo presente ella se estende por todos os paizes conhecidos, e que a cruz se arvora onde o propheta levantára o crescente, e onde a ignorancia da verdade conserva- va a selvageria.

E' do nosso apreciavel collega hespanhol, *Las Misiones Catolicas*, o calculo que segue, pelo qual se prova que a religião de Jesus Christo não teve um seculo só de estacionamento, mas antes, em cada um d'elles mostrava maior numero de adeptos á religião do amor e da liberdade.

Eis o calculo:

Seculo I.....	500,000
Seculo II.....	2.000,000
Seculo III.....	5.000,000
Seculo IV.....	10.000,000
Seculo V.....	15.000,000
Seculo VI.....	20.000,000
Seculo VII.....	25.000,000
Seculo VIII.....	30.000,000
Seculo IX.....	40.000,000
Seculo X.....	56.000,000
Seculo XI.....	70.000,000
Seculo XII.....	80.000,000
Seculo XIII.....	85.000,000
Seculo XIV.....	90.000,000
Seculo XV.....	100.000,000
Seculo XVI.....	125.000,000
Seculo XVII.....	185.000,000
Seculo XVIII.....	250.000,000
Seculo XIX (até 1876).....	260.000,000

Aqui tem os inimigos da Egreja o que Ella tem perdido, durante mesmo os seculos em que teve adversarios de tal polpa, que se envergonhariam de ter por sequazes os ninguens que hoje guerream uma instituição que sempre os derrotou, sempre se ergueu cheia de gloria depois da lucta.

J. DE FREITAS.

O DINHEIRO DE S. PEDRO

Subscrição para as necessidades do nosso Santo Padre o Papa

Transporte do n.º 8.....	22\$500
Um anonymo de Coimbra, implorando a benção de S. Santidade.....	2\$000
J. C. C. com a mesma intenção.....	1\$200
D. Balbina Joaquina de Souza Guimarães, idem.....	500

Somma..... 26\$200

Só no proximo numero publicaremos a continuação das duas subscrições que temos abertas.

TEIXEIRA DE FREITAS.

OS AMIGOS DO PROGRESSO CATHOLICO

NOMES DAS PESSOAS QUE GRANGEAM ASSIGNATURAS PARA ESTA REVISTA

Os Ex.ºs Srs. e as Ex.ºas Srs.ºs:

José Lopes Portella.....	1	Antonio Rodrigues Soares.....	1
Padre João Fernandes da Cunha.....	1	Padre Emilio Augusto da Esperança Machado...	5
Pedro de C. C. M. e Mello.....	1	Padre Tiburcio Pereira Gomes.....	3

ANNUNCIOS

SETENTA E CINCO MEDITAÇÕES

SOBRE A PAIXÃO

de Nosso Senhor Jesus Christo

POR

Um Religioso Trapista, da Abbadia de Septe Fontes

Traduzida da nova edição franceza

POR UMA DEVOTA

1 voluminho de 160 pag. 70 reis, pelo correio Pedidos a Teixeira de Freitas S. Damaso—Guimarães

Septenario das Dores de Nossa Senhora

O mais completo e mais usado pelas pessoas piedosas e devotas da Virgem das Dores

1 volume de 47 paginas—preço 60 reis

Envia-se franco de porte a quem mandar a sua importancia em estampilhas a Teixeira de Freitas—Guimarães.

Quem comprar 3 exemplares deste livro para fazer propaganda, só pagará 120 réis.

OS FRADES

Defeza, justificação e apologia insuspeitissimas colligidas por J. de Lemos

3.ª edição correcta e augmentada Aonba de sahir do prelo a 3.ª edição d'esta

obra que tem o seu elogio na rapidez com que se esgotou a 2.ª edição.

Um volume de 216 paginas em 8.º grande, 300 réis. E' enviado franco de porte. Pedidos a Teixeira de Freitas—Guimarães.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES RELIGIOSAS

APPROVADAS

Pelos Em.º Sr. Cardeal-Bispo do Porto e Rv.º Arcebispo Primaz de Braga

THESSOURO MYSTICO

Obra muito util a todo o christão que deseja saber o modo como se deve conduzir n'este mundo, com muitos exemplos e meditações para a oração mental. Morte e Paixão de Jesus Christo, e outras muitas devoções e orações collidas das obras asceticas do Sapientissimo

Santo Affonso Maria de Ligorio

Terceira edição mais correcta e augmentada pelo seu author o Missionario Apostolico João Manoel de Souza Teixeira.

1 vol. de 480 pag. encadernado—360

BREVE COMPENDIO

ou

RAMALHETE DE ORAÇÕES E DEVOÇÕES

Actos para a preparação da oração

mental, adoptada pelos missionarios; assim como os versos que se cantam nas Missões—terceira edição muito augmentado conforme pareceu conveniente ao Rv.º Sr. Padre Fr. Manoel Marinho Alves da Silva.

1 vol. de 357 pag. encadernado—240

DIRECTOR ESPIRITUAL

DAS

ALMAS DEVOTAS E RELIGIOSAS

Extrahido das obras de S. Francisco de Salles e Santo Affonso Maria de Ligorio, com devotos pensamentos sobre o SS. Sacramento para o Lausperenne de todos os dias da semana; e Missa meditada na Paixão de N. S. Jesus Christo.

1 vol. encadernado—240

CARTILHA DA DOCTRINA CRISTÁ

Composta pelo Abbadie de Salamonde A. J. de Mesquita Pimentel—nova edição da Livraria Portuguesa—1884.

Preço—encadernada—100

Todas estas obras se acham á venda em casa do editor—Livraria Portuguesa, de Joaquim Maria da Costa—Porto—Largo dos Loyos n.º 55 e 56—Em Guimarães, na Livraria de Teixeira de Freitas—Rua de S. Damaso.